

# Da Natureza Totalizadora das Relações: Ser Humano, Natureza, Sociedade

**Tânia Maria de Andrade<sup>1</sup>**

CEFET/PB

e-mail: taniamaria\_andrade@yahoo.com.br

**Vera Lucia Antunes de Lima**

UFCG

antuneslima@gmail.com

**Resumo:** *Por mais distante que possa ir a nossa imaginação, seja ela pela capacidade própria que temos em criar - criação percebida como concretude da imaginação -, e/ou baseada em fundamentos teóricos - legado dos antecedentes estudiosos e pensadores sobre a complexidade que rege o universo -, parte-se sempre de um ponto cujo referencial básico e fundamental é o indivíduo, com sua multiplicidade egóica, ou do ser na busca da construção de uma unidade humana, ambos expostos, influenciando e sendo influenciados pelo todo que os envolve. O presente trabalho tem como objetivo propiciar uma chispa de reflexão sobre a necessidade de ampliarmos nossa compreensão sobre nós mesmos, inseridos num complexo sistema de relações, que vão desde os planos biológicos, químicos e físicos até as dimensões humanas das relações espaço-temporais, evidenciadas nos distintos modelos de sociedades. Sugere que tal reflexão só fará sentido se nos impulsionarmos para uma mudança de atitude, a partir de uma compreensão prática na reconstrução dos valores humanos, e de uma releitura sobre o sistema planetário do qual fazemos parte. Foi elaborado com base em consultas bibliográficas, em percepções por nós construídas ao longo de nossas vidas, e sem nenhuma intenção de concluir o tema, como se pode facilmente constatar, vez que o mesmo possui muito mais indagações do que respostas.*

**Palavras-chave:** *Relações, Natureza, Ser humano, Sociedade.*

**Abstract:** *For more distant that our imagination can go, either being by the proper ability we have to create – creation perceived as concrete-creation of imagination -, and/or based on theoretical basis – legacy of studios scholars and thinkers on the complexity governing the universe -, it always starts from a point whose basic and fundamental reference is the individual, with his ego multiplicity, or from the human being in the search of the construction of a human unit, both exposed, influencing or being influenced by all that involves them. This work aims at providing reflection on the need for widening our understanding of ourselves, inserted in a complex system of relationships, ranging from the biological, chemical and physical plans to the human dimensions of space-time relations, highlighted in distinct models of societies. It suggests that such reflection will only make sense if we push for a change in attitude, from a practical understanding in the rebuilding of human values, and of a re-reading on the planetary system of which we are part. It was designed based on bibliographical searches, on perceptions we have built over our lives, and without any intention to conclude the matter, as can be easily seen, since it has far more inquiries than answers.*

**Keywords:** *relationship, nature, human being, society.*

---

<sup>1</sup> Autor a quem toda correspondência deverá ser endereçada

## 1. Introdução

As leis físicas  $e_i$  que interagem para manter o equilíbrio universal são as mesmas que regem um sistema solar, um planeta, uma planta, um animal, um microrganismo, uma célula, um átomo.

Em função de uma formação acadêmica voltada mais para as Ciências da Natureza, ficou mais fácil iniciarmos uma abordagem sobre as relações e suas interdependências, construindo uma compreensão do conhecimento gerado a partir da interpretação da natureza.

Os fenômenos vitais existem e independem da dimensão estrutural de cada componente a ser considerado. Em assim sendo, quer tratem-se estes fenômenos de um sistema planetário ou de uma cianofíceia, de um cristal ou da espécie humana, todos estão sob as devidas dimensões de espaço e de tempo: de espaço, para explorar sua função de ser que o ocupa; e de tempo, que funciona como uma liga elástica que permite ao indivíduo (ou ser) a durabilidade do seu caminhar.

Vale ressaltar que embora a dimensão espacial seja desenhada constantemente pelas interações naturais (movimentos sísmicos, hidrológicos, meteorológicos, intervenções antrópicas, trocas de nutrientes...), a dimensão temporal apenas nos conecta com o todo, mas não depende dos fatores físicos, biológicos e antrópicos. A dimensão temporal não nos pertence, é uma coordenada que surge transversal à realidade física tridimensional, configurando-se na linha do tempo. Entretanto, compreendemos que a qualidade do tempo vivido por nós depende de nós. A qualidade é inerente a nós e não ao tempo.

Deixando a discussão física e partindo para a biológica, citaremos como exemplo, as plantas, organismos de elevado nível de complexidade funcional. Cada parte do seu corpo realiza funções especiais que a beneficiam como um todo. Cada órgão depende dos demais, do equilíbrio no repasse das substâncias para seu pleno funcionamento.

Como exemplo, sabemos que a água absorvida do solo pelas raízes é conduzida através do caule até as folhas, ricas em cloroplastos e estômatos devidamente adaptados para receberem os raios luminosos do espectro solar e realizarem as trocas gasosas. A produção e troca de nutrientes depende das interações físicas, químicas e biológicas. Desse conjunto de combinações depende a vida dos consumidores de todas as ordens, incluindo a nossa espécie.

Os níveis hierárquicos de organização da vida em nosso planeta são exemplos de princípios organizacionais e inteligíveis dos quais devemos compreender, respeitar e investigar possibilidades de

efetivar uma nova organização mundial. A inteligência não é um atributo específico da espécie humana. Inteligível é aquilo que “*se compreende bem, que se insere em sistema de significado ou relações lógicas já conhecidas*” (Ferreira, 1988, p.365).

Estamos ancorados numa visão de relações lógicas a partir do que construímos como compreensão lógica. Qualquer outra informação que extrapole os limites do universo construído por nós passa por fortes rechaços quando são intencionalmente ignorados.

Sobre a história criadora e destruidora ressaltamos:

“*A história avança, não de um modo frontal como um rio, mas por desvios que decorrem de inovações ou de criações internas, de acontecimentos ou acidentes externos. A transformação interna começa a partir de criações inicialmente locais e quase microscópicas, efetua-se em meio restrito a alguns indivíduos e surge como desvio em relação à normalidade. Se o desvio não for esmagado, pode, em condições favoráveis, proporcionadas geralmente por crises, paralisar a regulação que o freava ou reprimia, para, em seguida, proliferar de modo epidêmico, desenvolver-se, propagar-se e tornar-se tendência cada vez mais poderosa, produzindo a nova normalidade*” (Morin, 2000, p.81).

As correntes ideológicas e suas tendências políticas e econômicas, a tecnologia, a produção científica e o saber popular têm se firmado a partir da confirmação de transformações provocadas, direcionadas e confirmadas unicamente a partir do universo humano. A história existe para nos confirmar na linha do tempo.

Este artigo, conforme já pontuamos, tem como objetivo propiciar uma chispa de reflexão sobre a necessidade de ampliarmos nossa compreensão sobre nós mesmos, inseridos num complexo sistema de relações que vão desde os planos biológicos, químicos e físicos, até as dimensões humanas das relações espaço-temporais, evidenciadas nos distintos modelos de sociedades. Visa, sobretudo, proporcionar uma pequena reflexão sobre as relações estabelecidas entre os elementos da natureza, o ser humano e a sociedade, destacando a nossa espécie como ponto de referência e, simultaneamente, de construção dessa interpretação.

## 2. De quem depende a vida?

Parece-nos que a vida no planeta não depende de nossa existência sobre ele. Isso nos mostra por si só

o quão limitados somos em nosso nível de importância na ordem funcional planetária, que somos apenas um ponto de conexão com o todo. Quem ou o que nos concede a graça do equilíbrio funcional das moléculas da síntese hormonal? Quem dá o comando para que moléculas se organizem de maneira tal que passam a constituir-se num diferencial, a matéria manifesta em vida? Em que consiste o sopro da vida? De onde surge tamanha inteligência de ordenação de vida?

Tentando adentrar em possíveis respostas, percebemos um arcabouço histórico construído pelo mundo da ciência oficial, bastante pobre e, porque não dizer, cheio de lacunas presentes nas teorias darwinistas evolucionistas. Até os dias atuais, desconhecemos qualquer registro de alguém que tenha observado o nascimento de uma nova espécie. Muitos foram os que tentaram explicar a origem da vida em nosso planeta, todavia, faleceram sem a concretude em resposta de suas próprias indagações: *Como a vida foi originada em nosso planeta?* Pauster conseguiu categoricamente derrubar as especulações da geração espontânea, quando prova que uma vida origina-se de outra vida.

O certo é que ainda temos muito que investigar, talvez nos apropriando de uma nova metodologia de investigação, rompendo paradigmas sólidos da ciência hegemônica, abrindo-nos para a percepção do caos infinito como perspectiva da criação da ordem, e adentrando-nos um pouco na interpretação dos fractais, na física quântica e, se necessário, indo além disso.

A compreensão da funcionalidade dos ciclos da matéria, o inter-relacionamento da vida, é fato. Toda vida está ligada integralmente a todos os aspectos da própria vida. Hutchison (2000), sobre mudanças das formas, nos põe a refletir sobre a base temporal da vida, que é refletida sobre diversas maneiras, a exemplo de alguns microrganismos que têm um período de vida de apenas alguns dias ou de algumas horas. Em oposição, o crescimento e o movimento dos continentes, das montanhas e das geleiras leva milhares de anos. E o que pode significar esses milhares de anos para a formação de nossa galáxia? Talvez um sopro!

Todavia, essa é uma discussão que nos remete ao tempo, e uma reflexão específica sobre ele exige de nós a construção de um novo artigo. Compreender o pequeno, parece-nos ser a forma mais eficiente e fidedigna da tradução do grande. Ir além da forma, adentrar no sistema funcional, também nos indica a construção de um tecido melhor elaborado na compreensão da ordem da vida.

Para alguns imunologistas, o papel essencial do sistema imunológico é o de controlar e regular o repertório de moléculas em todo o organismo,

conservando assim a “identidade molecular” do corpo. Em nível de estrutura celular, a membrana controla as composições moleculares de forma a manter a “identidade da célula”. Lynn Margulis, citado por Capra (2002), nos mostra que os processos metabólicos encadeiam-se numa rede química de auto-conservação, característica fundamental da vida. Em síntese, padrão em rede é comum a todas as formas de vida.

Maturana e Varela (1997), identificaram a dinâmica da autogeração como uma das características fundamentais da vida, denominada por eles de “autopoiese” que quer dizer autocriação. O conceito de autopoiese nos fornece clareza no sentido de estabelecermos a distinção entre sistemas vivos e sistemas não-vivos. Associam o limite físico e a rede metabólica, características que definem a vida celular. A compreensão do sistema vivo precisa ser visto como uma propriedade do sistema como um todo.

Todavia, expressar nossa preocupação sobre a organização planetária é ter que adentrar na complexidade das relações humanas resultantes parciais do amplo sistema diversificado de redes funcionais, testemunho de nossas variedades étnicas, geopolíticas e da nossa capacidade de sermos mutantes. Compreender um pouco a nós mesmos, seres racionais com a responsabilidade de ser conscientes -, parece-nos ser o ponto de partida para o entendimento da vida - além das fronteiras intelectuais. Para tanto, faz-se necessário o exercício constante da inteligibilidade, deixando o intelecto apenas na função específica de instrumento da ordenação de idéias.

### **3. O que é necessário transformar dentro de nós?**

Iniciaremos com as perspectivas antropológicas de Jean-Yves Leloup, citado por Weil (2003), que aponta quatro maneiras de ver a natureza e o lugar do ser humano no universo - os pressupostos antropológicos unidimensional, bidimensional, tridimensional e quadrimensional -, conforme especificações abaixo:

- Na perspectiva unidimensional, a visão do universo e do ser humano corresponde à percepção materialista, onde a consciência é uma espécie de emanção do corpo físico, um subproduto. Tudo é composto de matéria, unicamente de matéria;

- O pressuposto bidimensional postula além da existência material, a existência da psique sob a forma da memória, das idéias, dos pensamentos, dos sentimentos. Leloup considera que tal pressuposto

aponta para a possibilidade de uma compreensão mais ampla do universo e de si mesmo;

– O pressuposto tridimensional amplifica, acrescentando a existência de uma espécie de espelho que tudo observa e reflete sem se deixar envolver. É o que em grego chama-se de “nous”, consciência, sendo dela que surge a sabedoria e o amor perenes;

– O pressuposto quadridimensional apresenta além da consciência, o Pneuma em grego, Ruach em hebraico, Espírito em português. É o que se forma além do tempo e do espaço, o que nos conduz a uma experiência transpessoal, ao estado de ser desperto.

Alguns métodos denominados de terapias iniciáticas, termo criado por Karlfried Graf Dürckheim, terapeuta alemão, que desenvolveu um processo terapêutico inspirado em lutas marciais japonesas (Yung) e na meditação Zen, apontam uma perspectiva do revelar “a natureza ilusória do ego e iniciar a dissolução da fantasia da separatividade”. Weil (2003).

Iniciar uma busca de compreensão interna indica uma possibilidade de avanço na transformação de cada um. O que é necessário transformar dentro de nós? Se a natureza em seu ritmo normal traça o seu percurso, e sendo nós a espécie que a transforma e até mesmo a reduz aos nossos propósitos, que agressões temos praticado contra o ambiente natural, ao ponto de confundir a ordem planetária? Que princípios de organização temos violado? Quem realmente tem violado tais princípios? Que justificativas temos apontado para tais comportamentos? Quais os valores imbuídos no processo da ocupação humana sobre a face da terra? Sendo natureza, o que tem nos conduzido a posição de dominador dela e, portanto, fora dela? Transcender o ego não seria o caminho a ser construído para transformar a humanidade egóica atual em uma outra mais solidária, conhecedora das redes funcionais dos sistemas, dos princípios de organização da vida e, por conseguinte uma humanidade mais justa, sábia e culturalmente diversificada e rica? Que bases históricas sustentam a humanidade de hoje? Qual tem sido o papel da educação na formação dessas bases? Qual o papel do universo acadêmico? Reforçar o modelo teórico e prático vigente hegemônico é o que lhe parece consistente e, portanto, de maior índice de aprovação científica? Abrir caminhos para uma democracia participativa e reflexiva atribuindo responsabilidades a todos, não seria ampliar o campo da criatividade humana? Estaria a humanidade atual disposta a se transformar? Se transformar em quê? Como construir esse caminho?

Compreendemos que só teremos respostas quando nos concedermos o direito de questionar.

Questões inteligentes certamente nos conduzirão a respostas também inteligentes.

Falando sobre o jogo das interações:

“O número e a riqueza das interações aumentam quando se passa ao nível das interações, não mais apenas entre partículas, mas entre sistemas organizados, átomos, astros, moléculas e, sobretudo, seres vivos, sociedades. Quanto maiores são a diversidade e a complexidade dos fenômenos em interação, maiores são a diversidade e a complexidade dos efeitos e transformações resultantes dessas... As interações formam uma espécie de nó górdio de ordem e de desordem. Os encontros são interações aleatórios, mas os efeitos desses encontros em elementos bem determinados, em condições determinadas, tornam-se necessários e fundam as ordens das “leis” (MORIN, 2005, p.72).

Não podemos deixar de reconhecer que o processo de mudança de valores humanos vai exigir em função do elevado nível de diversidade e complexidade dos contextos social, econômico, político, institucional e cultural que formam as sociedades humanas, respostas de elevado nível de complexidade nos efeitos e transformações resultantes dessas interações.

Abordando sobre a integração para a saúde, coloca a necessidade que temos de transformar a sociedade e torná-la mais justa:

*“A justiça é a saúde da sociedade, e só poderemos nos sentir bem se, na sociedade em que vivemos, houver justiça e houver saúde... Da mesma maneira, a saúde, em nível da inteligência, pede que nossa inteligência permaneça aberta a novas descobertas, caso contrário ficaremos fechados em nossas idéias e ideologia, em nossas especializações, e vamos opô-las às demais... novamente, então, deveremos encontrar esta abertura dos sentidos e da explicação do mundo” (LELOUP, 1997, p.18).*

A abertura dos sentidos demanda dessa humanidade uma urgente necessidade da conquista do equilíbrio físico, mental e emocional. Ficar nas justificativas dos desequilíbrios e aberrações humanas não atende à necessidade atual das mudanças, ao contrário, funciona como freio para o estancamento da bioética. Aprofundar a compreensão sobre nós mesmos e, a partir dela, nos renovarmos, sinaliza ser a base inicial para o surgimento de uma nova humanidade.

#### 4. Conclusão

O tema em abordagem é amplo e complexo, e não existe, da nossa parte, nenhuma intenção de concluí-lo. Entretanto, apresentaremos a seguir um fecho dessa discussão inicial.

Vivemos numa sociedade - estruturada no modo de produção capitalista - em que as forças produtivas, os meios de produção e a força de trabalho determinam relações de produção que funcionam sob persuasão dos aparelhos ideológicos do Estado.

A capacidade de sermos mutantes põe-nos no crédito da mudança do rumo da história, o que nos possibilita compreender e utilizar a lógica da própria natureza, a característica interrelacional do seu funcionamento e a solidariedade entre as partes para reconstruir o todo.

Possibilita-nos também perceber que o processo vital da reconstrução encontra-se na ação conjunta, numa relação de percepção e ampliação do indivíduo e do coletivo.

Assim como a natureza, a mudança social é processual. Sua processualidade é, contudo, racional - compreendida como uma lógica superior da racionalidade criada e processada pela espécie humana, numa perspectiva de novos modelos de arranjos organizacionais humanizados, centrados nos valores do Ser.

Por estar centrada nos valores do ser, sua processualidade também será compreendida a partir de uma lógica emotiva superior, que certamente estará, como diriam os poetas, numa oitava superior, num estado vibracional elevado.

O processo educacional, que não está fora da natureza totalizadora das relações e exerce um papel muito importante nos caminhos traçados por e para a humanidade, é tão complexo e polêmico quanto a própria necessidade que se tem para designar conceitos ontológicos que mais se aproximem do termo formação do ser. Tal saber institucionalizado, constitui-se instrumento ideológico da hegemonia;

Para Vygotsky, citado por Rego (1995), a compreensão do ser humano dependia do estudo do processo de internalização das formas culturalmente dadas de funcionamento psicológico.

A partir dessa premissa, relacionou a transformação dos processos psicológicos elementares aos fatores biológicos do desenvolvimento em processos superiores, resultantes da inserção do ser humano num determinado contexto sócio-histórico.

Suas concepções sobre a base biológica do conhecimento psicológico se fundamentam no paradigma materialista-dialético. Enquadra-se no segundo pressuposto antropológico de Leloup (1997).

A elaboração da lógica do processo didático (socialização do saber científico) deve ser construída a partir da lógica totalizadora da natureza. Tal natureza perpassa a questão meramente cerebral (órgão material da atividade mental) e permeia

outros níveis mais sutis do complexo corpo humano em rede com o complexo sociedade, que, por sua vez, está conectada com o complexo planetário, que é interligado ao complexo cósmico.

Todavia, a focalização do saber científico na educação demanda necessariamente uma dimensão social, visto que, cientificidade e processo de hominização se constroem conjuntamente.

Em função do elevado nível de complexidade estabelecido entre as relações humanas, e estas, geradoras dos estados desarmônicas e conflitantes, campo das forças cegas hegemônicas, nos surge como transparente, a necessidade de uma produção acadêmica e científica direcionadas ao atendimento de respostas urgentes, inteligentes e concretas do diário viver das comunidades humanas.

Em função da ausência de alternativas inteligentes e da incorporação de uma cultura da bioética e da dinâmica criativa, instala-se no leito dos diversos campos de atuação e dos mais distintos modelos de sociedades humanas atuais, a prática da acomodação sob todos os aspectos, permitindo assim o verdugo comportamento de justificarmos sempre o contexto mórbido de uma humanidade em estado de inércia e ignorância dos passos futuros, do seu próprio sentido de existência.

Consideramos, por fim, que o resultado pior de tudo isto é o estado ilusório de indivíduos conscientes e despertos, ignorando a sua própria ignorância e embevecidos pela forte vaidade intelectual, nos fechamos para o novo e nos enredamos cada vez mais nos labirintos das teorias.

A busca de respostas às indagações deverá, por questões de sobrevivência humana e do gerenciamento da qualidade de vida, abrir caminhos para novas estratégias de poder no saber passando necessariamente, pela construção de novas formas de pensamentos e de atuação, de interpretação de mundo, de diálogo dos saberes e, sobretudo, da compreensão tão necessária do eterno e contínuo processo de mudanças que é a vida.

## 5. Referências

CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Dicionário básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

HUTCHISON, David. **Educação ecológica:** idéias sobre consciência ambiental. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LELOUP, Jean-Yves et al. **Espírito na saúde.** Petrópolis: Vozes, 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF. UNESCO, 2000.

\_\_\_\_\_. **O método I:** a natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2005.

REGO, T. C. **Vygotsky:** uma perspectiva histórica-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEIL, Pierre. **Os mutantes:** uma nova humanidade para um novo milênio. Campinas: Verus, 2003.

MATURANA, R. Humberto; VARELA, G. Francisco. **de máquinas e seres vivos:** autopoiese – a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

#### **Responsabilidade de autoria**

As informações contidas neste artigo são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões nele emitidas não representam, necessariamente, pontos de vista da Instituição e/ou do Conselho Editorial.